

CENTRO UNIVERSITÁRIO DE GOIÁS – UNIGOIÁS
PUBLICIDADE E PROPAGANDA

JÚLIA MORAES E SILVA

ORIENTADORA: DRA. GIOVANNA ADRIANA TAVARES GOMES

A ESTÉTICA DA OPRESSÃO: ANÁLISE SEMIÓTICA DO FILME "O TRIUNFO DA
VONTADE" E A REPRODUÇÃO DE SÍMBOLOS AUTORITÁRIOS EM DISCURSOS
POLÍTICO-IDEOLÓGICOS ATUAIS

GOIÂNIA

2025

JÚLIA MORAES E SILVA

A ESTÉTICA DA OPRESSÃO: ANÁLISE SEMIÓTICA DO FILME "O TRIUNFO DA VONTADE" E A REPRODUÇÃO DE SÍMBOLOS AUTORITÁRIOS EM DISCURSOS POLÍTICO-IDEOLÓGICOS ATUAIS

Estudo de Caso apresentado como requisito parcial
para a disciplina Estudo de Caso em Comunicação,
do Curso de Comunicação Social – Publicidade e
Propaganda do Centro Universitário de Goiás –
UniGoiás
Orientadora: Dra. Giovanna Adriana Tavares
Gomes

GOIÂNIA
2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, professora Giovanna, pela dedicação, paciência e pelas orientações fundamentais para a construção deste trabalho. Estendo meus agradecimentos aos professores do curso de Publicidade e Propaganda e ao coordenador, pelo apoio ao longo da formação acadêmica e pelas contribuições para o meu desenvolvimento profissional. Registro, ainda, meu reconhecimento ao Centro Universitário de Goiás – UniGoiás, pela estrutura e pelo ambiente de ensino que possibilitaram a realização deste estudo.

RESUMO EXECUTIVO

Este trabalho tem como tema a análise da estética autoritária presente no filme *O Triunfo da Vontade* (1935), dirigido por Leni Riefenstahl, contextualizado no âmbito da propaganda política nazista e de seus desdobramentos em retóricas autoritárias contemporâneas. O objetivo central consiste em compreender como a linguagem e os recursos fílmicos são utilizados para estetizar a política, glorificar o poder e naturalizar hierarquias, bem como de que maneira essas estratégias reverberam no discurso político atual, com atenção especial ao governo Bolsonaro. A metodologia adotada fundamentou-se em pesquisa qualitativa, por meio de análise semiótica fílmica, envolvendo o exame minucioso de imagens, símbolos, planos de câmera e composições estéticas presentes no filme, articulados a comparações com fenômenos contemporâneos. Os resultados evidenciam a persistência de códigos estéticos e retóricos que sustentaram a propaganda nazista, manifestando-se hoje em discursos visuais e simbólicos que mobilizam sentimentos de unidade, disciplina e autoridade, contribuindo para a naturalização de projetos políticos excludentes. Conclui-se que o estudo contribui para a compreensão crítica da manipulação simbólica por meio da estética, alertando para os riscos da banalização e disfarce de formas autoritárias em contextos democráticos e reforçando a importância da responsabilidade ética na comunicação social. O trabalho mostra-se relevante para os campos da comunicação, das ciências sociais e da educação midiática, ao fornecer subsídios teóricos e analíticos para práticas mais críticas, vigilantes e comprometidas com a defesa dos direitos humanos diante dos discursos de poder atuais.

Palavras-chave: Estética autoritária; propaganda nazista; análise semiótica; comunicação política; governo Bolsonaro.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem por objetivo explorar o papel da arte como poderosa ferramenta de opressão, tomando como ponto de partida uma análise semiótica da obra cinematográfica de Leni Riefenstahl. O estudo nasce da necessidade de compreender como a arte pode ser instrumentalizada para promover agendas autoritárias e influenciar a percepção pública, tanto em contextos históricos quanto na atualidade.

É, portanto, fundamental contextualizar a produção de Riefenstahl no cenário em que foi realizada. Durante o regime nazista de Adolf Hitler, a cineasta ocupou posição de destaque na produção cinematográfica, criando filmes que glorificavam a ideologia nazista e reforçavam a superioridade racial e a subjugação de grupos minoritários. Sua habilidade em manipular elementos visuais – como imagens, símbolos e narrativas – foi decisiva para a eficácia da propaganda nazista e para a legitimação estética e simbólica do regime. Nesse horizonte, delimita-se como problema de pesquisa compreender de que modo a linguagem e a estética cinematográfica mobilizadas por Riefenstahl contribuem para estetizar a política, glorificar o poder e naturalizar hierarquias, operando como dispositivos de opressão simbólica e social.

Além disso, busca-se analisar como técnicas específicas de cinematografia – tais como ângulos de câmera, iluminação e composição de imagem – foram empregadas pela diretora para construir uma visão “gloriosa” do ser humano, produzindo uma idealização inatingível que serve de base para a promoção de ideais opressivos. Desdobram-se, assim, três objetivos específicos articulados ao percurso analítico: (1) mapear os signos e procedimentos formais recorrentes que sacralizam o líder e homogeneizam as massas; (2) interpretar os efeitos de sentido produzidos por esses dispositivos à luz de referenciais teóricos sobre estetização da política e propaganda; e (3) relacionar tais achados a permanências e reapropriações em retóricas audiovisuais e discursivas contemporâneas, discutindo implicações ético-políticas para a educação midiática e a cidadania.

É igualmente relevante estabelecer conexões entre os temas presentes nos filmes de Riefenstahl e fenômenos políticos atuais. A ascensão de líderes autoritários e o ressurgimento de movimentos de extrema direita em diferentes partes do mundo colocam em evidência o uso da arte e da comunicação como ferramentas de manipulação e controle social. Nesse sentido, a pesquisa não se limita a descrever mecanismos de opressão inscritos na arte, mas enfatiza a importância da conscientização e da resistência. Ao analisar criticamente a manipulação estética a serviço de ideologias opressivas, o estudo busca contribuir para uma compreensão pública mais ampla acerca dos perigos da instrumentalização da arte e para o fortalecimento da defesa dos valores democráticos e dos direitos humanos.

Antes de estabelecer paralelos contemporâneos, torna-se indispensável compreender

as características centrais do fascismo e do nazismo. O fascismo, segundo Umberto Eco (1995), configura-se como um regime autoritário, ultranacionalista e antidemocrático, baseado no culto à figura de um líder carismático, na repressão à oposição e na militarização da sociedade. Benito Mussolini, em seu projeto político, concebia o Estado como entidade totalizante, sintetizando o controle absoluto da vida civil, econômica e cultural na máxima: “tudo no Estado, nada contra o Estado, nada fora do Estado” (MUSSOLINI apud ECO, 1995).

O nazismo, por sua vez, constituiu uma vertente específica do fascismo, adaptada ao contexto alemão. Como aponta Hannah Arendt (1951), o regime de Adolf Hitler consolidou-se como forma de totalitarismo sustentada pelo racismo científico, pelo antissemitismo e pela crença em uma suposta superioridade da raça ariana. A ideologia nazista combinou propaganda política, repressão e controle social, culminando na Segunda Guerra Mundial e no genocídio sistemático de judeus e outras minorias no Holocausto.

A ascensão de Hitler não teria sido possível sem o uso estratégico da propaganda. Conforme analisa Theodor Adorno (1967), a propaganda fascista opera por meio da manipulação emocional das massas, valendo-se de símbolos e narrativas capazes de despertar medo, orgulho e sentimento de pertencimento. Joseph Goebbels, ministro da Propaganda do Terceiro Reich, compreendia que “uma mentira dita mil vezes torna-se verdade” (GOEBBELS apud ADORNO, 1967), explorando de forma intensa os meios de comunicação de massa, especialmente o rádio e o cinema, para consolidar o poder do regime e naturalizar seus ideais.

É nesse contexto que surge Leni Riefenstahl, responsável por algumas das mais emblemáticas obras do cinema nazista, como *O Triunfo da Vontade* (1935). Susan Sontag (1975) destaca que sua estética exaltava a força, a disciplina e a pureza racial, transformando o espetáculo político em arte e o culto ao líder em símbolo nacional. O cinema de Riefenstahl funcionou, assim, como instrumento de legitimação ideológica, promovendo o fascínio pela imagem e a glorificação do regime.

Justifica-se, portanto, esta pesquisa por sua relevância em oferecer subsídios para compreender como a arte pode ser utilizada como ferramenta de opressão e, simultaneamente, por sua contribuição ao debate sobre conscientização e resistência frente às formas contemporâneas de autoritarismo e injustiça social.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A presente pesquisa investiga o papel da arte como ferramenta de opressão, com foco na análise semiótica dos filmes de Leni Riefenstahl. Para tanto, apoia-se principalmente em Walter Benjamin, em *Magia e técnica, arte e política*, e em Elbio Roberto Quinta Júnior, em *A estrutura da propaganda nazista no cinema: o caso de Leni Riefenstahl*. Esses autores oferecem uma base consistente para compreender como a produção artística pode ser instrumentalizada para promover ideologias autoritárias e manipular a percepção pública.

2.1 Conceitos Fundamentais

2.1.1 A reprodutibilidade técnica e a estetização da política

Walter Benjamin, em *Magia e técnica, arte e política*, discute como a reprodutibilidade técnica transforma a natureza e o papel da obra de arte na sociedade. Para o autor, a possibilidade de reprodução em larga escala desloca o “valor de culto” para o “valor de exposição”, tornando a arte amplamente acessível e potencialmente mais influente sobre as massas. Nesse sentido, “a obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica desloca o valor de culto da arte, substituindo-o pelo valor de exibição” (BENJAMIN, 2012, p. 17).

Essa transformação é fundamental para compreender como filmes como *O Triunfo da Vontade*, de Leni Riefenstahl, podem ser mobilizados como instrumentos de propaganda. Ao circular para um público amplo, a obra audiovisual não apenas entretém, mas difunde e reforça, de forma reiterada, códigos ideológicos específicos.

Benjamin também introduz o conceito de “estetização da política”, ao apontar que regimes totalitários transformam a vida política em espetáculo estético, sedutor e mobilizador. Segundo o autor:

O fascismo tenta organizar as massas proletarizadas recentemente sem tocar nas condições de propriedade que essas massas tentam abolir. Ele vê sua salvação em conceder à expressão dessas massas não seus direitos, mas mantendo-as afastadas do sistema. Ele resolve a estetização da vida política” (BENJAMIN, 2012, p. 41).

Nos filmes de Riefenstahl, essa estetização se materializa na transformação de congressos partidários e rituais políticos em grandes espetáculos visuais, coreografados e grandiosos, que glorificam o regime nazista e seu líder, conferindo-lhes uma aura quase sagrada.

2.1.2 A estrutura da propaganda nazista no cinema

No artigo A estrutura da propaganda nazista no cinema: o caso de Leni Riefenstahl, Elbio Roberto Quinta Júnior examina a organização institucional e ideológica da propaganda nazista, destacando o papel central dos filmes da diretora, em especial O Triunfo da Vontade. O autor sublinha que “o filme só foi possibilitado devido a um aparato institucional que permitiu sua realização” (QUINTA JÚNIOR, 2023, p. 49), ressaltando a articulação entre Estado, partido e indústria cultural.

A propaganda nazista, nesse contexto, valeu-se de técnicas estéticas sofisticadas para construir uma narrativa visual coesa e persuasiva, capaz de glorificar Hitler e o Partido Nazista. Quinta Júnior analisa o uso de iluminação, ângulos de câmera e montagem como recursos que produzem uma visão sacralizada da política. A fusão simbólica entre trabalhadores e líder, a repetição da saudação nazista e o destaque dado a Hitler em cerimônias noturnas – por meio de focos de luz e enquadramentos específicos – exemplificam como a linguagem cinematográfica é colocada a serviço da ideologia (QUINTA JÚNIOR, 2023, p. 61).

2.1.3 O papel dos símbolos na propaganda

Benjamin e Quinta Júnior convergem ao enfatizar a centralidade dos símbolos na propaganda política. Para Benjamin, a estetização da política implica a produção de símbolos e signos poderosos, capazes de mobilizar afetos e identificar as massas com o projeto autoritário. Quinta Júnior aprofunda essa discussão ao analisar o uso reiterado de emblemas nazistas, como a suástica, bandeiras e águias imperiais, nos filmes de Riefenstahl.

A partir de Tchakotine, citado por Quinta Júnior, evidencia-se que “o símbolo é algo fundamental em uma propaganda totalitária por funcionar como ‘excitante’ do reflexo condicionado” (TCHAKHOTINE, 1967, p. 264 apud QUINTA JÚNIOR, 2023, p. 55). A repetição constante desses símbolos, combinada a trilha sonora, discursos e enquadramentos, produz associações emocionais intensas que condicionam o público a reagir positivamente à ideologia representada.

Para além da dimensão visual isolada, é necessário considerar os mecanismos psicológicos e afetivos que potencializam o efeito da propaganda autoritária. Em obras como O Triunfo da Vontade, a propaganda ultrapassa a simples apresentação de imagens, operando emocionalmente na construção de mitos políticos e afetos de devoção e pertencimento. A despersonalização coletiva e a homogeneização visual das massas instauram um forte sentimento de unidade e mobilização ideológica (RESENDE, 2021;

QUINTA JÚNIOR, 2023). Essa construção simbólica, sustentada por ritualização audiovisual, enfatiza a autoridade carismática do líder e a coesão das massas disciplinadas, produzindo uma experiência quase transcendental para o espectador.

2.2 Contextualização histórica e evolução do tema

No contexto do Terceiro Reich, o cinema foi apropriado como ferramenta estratégica de propaganda, com a finalidade de consolidar a imagem de Adolf Hitler e legitimar o regime nazista. Leni Riefenstahl destacou-se como cineasta do regime, produzindo filmes como *O Triunfo da Vontade* (1935), que registra o congresso do Partido Nazista em Nuremberg. Sua obra combina inovação técnica e estética monumental para exaltar a figura do líder e a homogeneidade das massas.

Essa produção evidencia como a arte, para além de seu valor estético, pode ser convertida em instrumento de legitimação política e de opressão social. A mise-en-scène cuidadosamente organizada, a arquitetura monumental, os enquadramentos que diluem o indivíduo na massa e o uso ritualístico dos símbolos nazistas constroem um imaginário de força, disciplina e destino comum.

Ampliar a contextualização histórica para além do nazismo permite perceber a recorrência de estéticas autoritárias em outros regimes, como o fascismo italiano de Mussolini, o salazarismo português e diversas ditaduras do século XX e XXI. Em todos esses contextos, o espetáculo visual, a arquitetura grandiosa e a ritualização política são empregados para edificar mitos nacionais, cultuar a personalidade do líder e legitimar o controle social (ECO, 1995; ARENDT, 1951).

Na contemporaneidade, movimentos neonazistas, grupos ultraconservadores e organizações de extrema direita ressignificam esse repertório visual autoritário nas novas mídias, adaptando símbolos, narrativas e coreografias às lógicas das redes sociais e da comunicação digital (MUDDE, 2022). Essa continuidade histórica reforça a necessidade de um olhar crítico e vigilante para identificar, desconstruir e resistir às formas atuais de estetização autoritária.

2.3 Abordagens e modelos teóricos

A pesquisa se ancora na análise semiótica, entendida como abordagem que permite interpretar os signos visuais e narrativos empregados por Riefenstahl na construção de uma estética de heroificação e sacralização do poder.

Para compreender esse processo, recorre-se à perspectiva de Benjamin (2012) sobre

arte e política, sobretudo seu alerta para o risco da estetização da política, e à contribuição de Xavier (2008), que discute os mecanismos de opacidade e transparência no discurso cinematográfico, evidenciando que o cinema jamais é neutro em termos ideológicos.

Além disso, a escolha pelo estudo de caso é teoricamente sustentada por Yin (2014), que considera esse método adequado para investigar fenômenos complexos em seu contexto real. No presente trabalho, o filme *O Triunfo da Vontade* é tratado como caso paradigmático do uso do cinema como instrumento de propaganda totalitária.

2.4 Pesquisas recentes e tendências

Estudos recentes, como o de Quinta Júnior (2023), reforçam a importância de compreender a estrutura da propaganda nazista e o papel desempenhado por cineastas alinhados ao regime, como Riefenstahl. Essas pesquisas apontam que as estratégias visuais elaboradas na década de 1930 ainda inspiram discursos audiovisuais autoritários na contemporaneidade, embora sob novas roupagens midiáticas.

A literatura atual também enfatiza a relevância da crítica cultural e da educação midiática como ferramentas para desvelar e contestar os mecanismos de manipulação simbólica que se mantêm ativos em contextos democráticos, mas marcados por tensões autoritárias.

2.5 Aplicações práticas e relevância para o estudo

O exame da instrumentalização da arte em regimes totalitários oferece subsídios importantes para a leitura crítica do presente, ao revelar como técnicas cinematográficas e recursos estéticos podem ser mobilizados para moldar percepções, emoções e crenças.

A análise dos filmes de Riefenstahl reforça a necessidade de formar espectadores críticos, capazes de identificar discursos visuais que naturalizam hierarquias, desigualdades e violências. Desse modo, a fundamentação teórica não apenas sustenta a análise do objeto, mas também orienta uma reflexão sobre a responsabilidade ética de artistas, produtores de conteúdo e profissionais da comunicação diante do poder simbólico das imagens.

2.6 As bases ideológicas da propaganda totalitária

O fascismo e o nazismo constituem exemplos paradigmáticos de manipulação simbólica por meio da arte e da comunicação. A construção de discursos que associavam

pureza, força e unidade nacional à figura do líder fazia parte de um projeto consciente de controle emocional e ideológico das massas. Eco (1995) e Arendt (1951) destacam que a estética desses regimes estava intrinsecamente vinculada à criação de uma narrativa visual de poder, sacralização e destino coletivo.

Adorno (1967) aponta que a propaganda fascista funciona como sistema de sedução estética, enquanto Sontag (1975) interpreta o cinema de Riefenstahl como expressão exemplar dessa estetização da política, tal como formulada por Benjamin (2012). Por meio de enquadramentos, movimentos de câmera e organização coreográfica das massas, a diretora glorifica corpos supostamente perfeitos, multidões sincronizadas e a imagem de Hitler como entidade quase divina, produzindo uma sensação de transcendência coletiva.

Esses autores ajudam a compreender que, quando desvinculada de sua função crítica, a arte pode se converter em meio de naturalização do autoritarismo. A propaganda totalitária se sustenta não apenas na coerção explícita, mas também na emoção, no encantamento e na beleza formal, que encobrem e suavizam o conteúdo violento e excludente que a sustenta.

3 METODOLOGIA DE PESQUISA

Para a realização deste estudo, adotou-se o método de pesquisa qualitativa, estruturado sob a forma de estudo de caso. De acordo com Robert Yin, o estudo de caso é uma estratégia metodológica que permite investigar em profundidade um fenômeno em seu contexto real, possibilitando uma compreensão detalhada e contextualizada do objeto de análise (YIN, 2014). Essa perspectiva justifica sua escolha como referência central deste trabalho, uma vez que o foco recai sobre a análise semiótica de *O Triunfo da Vontade* (1935), de Leni Riefenstahl, tomado como caso paradigmático da utilização do cinema como instrumento de propaganda.

3.1 Tipo de pesquisa

A pesquisa qualitativa caracteriza-se por buscar a compreensão dos fenômenos em sua complexidade e inserção contextual, privilegiando significados, padrões e processos em detrimento de mensurações numéricas. Norman K. Denzin destaca que esse tipo de abordagem procura apreender as experiências humanas em seus contextos naturais, recorrendo a métodos que captem a profundidade e a riqueza dos dados (DENZIN; LINCOLN, 2006). No presente estudo, a abordagem qualitativa mostrou-se fundamental para identificar e interpretar significados latentes e mensagens subjacentes nos recursos técnicos e estilísticos empregados no filme analisado.

3.2 Técnicas de coleta de dados

A coleta de dados ocorreu por meio de análise fílmica e semiótica de *O Triunfo da Vontade* (1935). A obra foi examinada em seus aspectos estéticos, simbólicos e ideológicos, buscando compreender de que modo elementos técnicos e narrativos funcionam como veículos de poder e persuasão.

O processo analítico seguiu a perspectiva de Bauer e Gaskell (2015), que definem a pesquisa qualitativa como um conjunto de procedimentos voltados à interpretação de textos, imagens e sons, permitindo ao pesquisador identificar significados latentes e estruturas simbólicas nos objetos culturais. Nesse contexto, a análise semiótica foi utilizada como ferramenta para decifrar a forma pela qual Riefenstahl constrói uma estética de exaltação e dominação.

A análise foi organizada em quatro eixos principais, que se articulam entre si:

- Imagens e símbolos: identificação de signos visuais recorrentes, como bandeiras,

multidões e a figura do líder, bem como suas conotações ideológicas;

- Narrativa e estrutura fílmica: estudo da montagem e da progressão narrativa, observando como a organização das cenas reforça a ideia de unidade e superioridade nacional;
- Ângulos de câmera e composição de imagem: interpretação das escolhas de enquadramento que estabelecem hierarquia e sacralização da figura de Hitler;
- Iluminação e som: observação de como recursos técnicos intensificam sentimentos de transcendência e pertencimento coletivo.

3.3 Universo e amostra

O universo da pesquisa compreende produções audiovisuais que utilizam a linguagem cinematográfica como instrumento de propaganda política e ideológica, especialmente aquelas que transformam a arte em veículo de dominação simbólica.

A amostra, de caráter intencional e não probabilístico (MARCONI; LAKATOS, 2003), é composta pelo filme *O Triunfo da Vontade*, dirigido por Leni Riefenstahl, selecionado por representar de forma emblemática a estética da propaganda totalitária. Segundo Yin (2014), o estudo de caso é particularmente adequado quando se busca compreender fenômenos complexos em seu contexto real — neste caso, a articulação entre cinema, ideologia e poder.

Os critérios de inclusão consideraram a presença de recursos técnicos e simbólicos que reforçam ideologias autoritárias, enquanto foram excluídas obras desvinculadas do contexto de propaganda nazista. Essa delimitação permitiu concentrar a análise nas estratégias visuais e narrativas utilizadas para naturalizar a figura do líder e idealizar o coletivo nacional, facilitando, posteriormente, o estabelecimento de paralelos com a comunicação política contemporânea.

3.4 Justificativa dos métodos

A opção pela abordagem qualitativa e pelo estudo de caso decorre da necessidade de compreender fenômenos simbólicos em profundidade, considerando suas dimensões históricas, estéticas e ideológicas. Como argumentam Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa é especialmente adequada quando o objetivo é interpretar significados e processos culturais, em vez de apenas mensurar variáveis.

A análise semiótica foi adotada por sua capacidade de revelar mecanismos ideológicos presentes nas representações visuais. Benjamin (2012) observa que, na era da reprodutibilidade técnica, a obra de arte pode perder sua “aura” e ser convertida em

instrumento de dominação, ideia central para compreender o cinema de Riefenstahl, no qual a técnica cinematográfica se coloca a serviço da estetização da política.

Quinta Júnior (2023) reforça essa perspectiva ao afirmar que o cinema de Riefenstahl não apenas documenta o regime nazista, mas o constrói simbolicamente, transformando a imagem em propaganda. A compreensão da estrutura visual desses filmes, portanto, permite analisar como a linguagem artística é mobilizada para consolidar regimes autoritários.

Essa leitura dialoga com Xavier (2008), que enfatiza o papel do enquadramento, da montagem e da mise-en-scène na produção de sentidos ideológicos, e com Bauer e Gaskell (2015), que defendem a interpretação de imagens como forma legítima de produção de conhecimento científico. Desse modo, o conjunto de métodos adotados possibilita compreender como a estética fílmica opera como dispositivo de poder e como suas estruturas simbólicas permanecem ativas em narrativas políticas contemporâneas.

3.5 Procedimentos de análise de dados

A análise dos dados seguiu as etapas da análise semiótica fílmica, articulando os planos denotativo, conotativo e ideológico, conforme metodologia inspirada em Xavier (2008) e Bauer e Gaskell (2015):

1. Leitura descritiva (nível denotativo): observação minuciosa das sequências fílmicas, com identificação de elementos visuais (movimentos de câmera, iluminação, tipos de plano, montagem, trilha sonora) e de suas funções narrativas.
2. Leitura interpretativa (nível conotativo): interpretação dos significados simbólicos e dos mitos presentes nas imagens, incluindo a glorificação do líder, a ideia de pureza racial, a disciplina coletiva e a estética da força.
3. Leitura contextual (nível ideológico): confronto entre os achados visuais e o contexto histórico-político, relacionando o discurso fílmico de Riefenstahl a discursos populistas contemporâneos, com destaque para o governo Bolsonaro.

À luz de Benjamin (2012), a estetização da política constitui uma das formas mais eficazes de dominação simbólica, sendo o cinema um meio privilegiado para mobilizar afetos e moldar percepções coletivas. Essa concepção orientou a interpretação do filme como veículo de sedução estética e legitimação ideológica.

Com base em Quinta Júnior (2023), identificou-se que a estrutura narrativa e visual elaborada por Riefenstahl institui um modelo de propaganda que se projeta sobre a comunicação política atual, ainda que sob novas roupagens midiáticas. A análise buscou evidenciar essa permanência ao examinar recursos retóricos e imagéticos que, no passado, exaltavam Hitler e, no presente, podem sustentar lideranças autoritárias em regimes

formalmente democráticos.

Os dados foram organizados e interpretados segundo os princípios do estudo de caso (YIN, 2014), com foco na profundidade e na contextualização do objeto. A triangulação entre Benjamin (2012), Xavier (2008), Quinta Júnior (2023) e Bauer e Gaskell (2015) conferiu rigor teórico e coerência metodológica, permitindo compreender de que modo a linguagem cinematográfica se converte em instrumento de poder e opressão simbólica.

4 ANÁLISE DO OBJETO

Esta seção apresenta a análise semiótica do filme *O Triunfo da Vontade* (1935), destacando os aspectos estéticos e simbólicos que contribuem para a sacralização do líder e a homogeneização das massas, além de relacionar essas estratégias à reprodução de discursos autoritários em contextos políticos contemporâneos, com ênfase no governo Bolsonaro.

4.1 Caracterização do objeto

Optou-se por analisar sequências emblemáticas do filme *O Triunfo da Vontade*, selecionadas por condensarem elementos centrais da estetização da política: a sacralização de Hitler, a organização plástica das massas e o uso recorrente de símbolos nazistas. O critério de seleção privilegia cenas que ilustram a construção visual do líder como figura quase divina e a conformação estética da massa como unidade orgânica.

O protocolo adotado envolveu uma análise em três níveis de leitura, conforme referenciado por Benjamin (2012) e Xavier (2008): denotativo (descrição objetiva dos elementos visuais e sonoros), conotativo (significados simbólicos e efeitos de sentido, como aura e grandiosidade) e ideológico (interpretação crítica das funções opressoras e de propagação do autoritarismo). Esse arcabouço metodológico confere rigor ao estudo da linguagem fílmica, especialmente na articulação entre *mise-en-scène*, montagem e iconografia.

4.2 Apresentação dos dados coletados

A análise concentrou-se em trechos selecionados, codificados segundo os seguintes parâmetros:

Quadro 1 – Análise semiótica das cenas selecionadas no filme *O Triunfo da Vontade*.

Filme / Timecode	O Triunfo da Vontade 00:04:00 – 00:09:12	O Triunfo da Vontade 00:31:24 – 00:38:13
Descrição denotativa	O avião de Hitler pousa e a população o saúda de forma eufórica. A câmera acompanha o trajeto de carro com a multidão nas ruas, bandeiras nacionalistas e partidárias espalhadas. Hitler interage com mães e crianças sorridentes. A cena termina com o povo exaltando seu nome e o líder saudando pela janela.	Cerca de 52 mil homens alinhados em campo aberto, saudando Hitler; soldados portam pás simbolizando a reconstrução da glória. Hitler é filmado em contra-plongée, enquanto os soldados são vistos de ângulo superior, reforçando a superioridade visual do líder.
Elementos formais	Câmera em tracking (movimento fluido), planos abertos amplos para exibir a	Planos simétricos, contra-plongée para destacar o líder, ângulo superior sobre

	multidão, planos fechados (close-ups) nas interações, uso marcante de bandeiras nacionais, mise-en-scène que humaniza o líder.	as tropas, montagem rítmica e alternada entre líder e massa, iluminação dramática.
Signos-chave	Hitler, multidão, bandeiras nacionalistas, crianças e mães sorridentes.	Hitler, multidão disciplinada, pás, símbolos nacionais.
Conotação	Aura de poder, aprovação popular, proximidade emocional, liderança carismática.	Disciplina rigorosa, apagamento do indivíduo, superioridade e domínio visual.
Função ideológica	Glorificação do líder como “pai da nação”, criação do mito e culto à personalidade.	Demonstração do vínculo simbólico entre líder e massas, reforço da missão nacional.
Observações	Combinação de plano-sequência e montagem para gerar conexão emocional e reverência visual.	Estrutura visual reforça a mensagem ideológica de unidade e sacralização do poder central.

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

4.3 Permanências e ecos contemporâneos da estética autoritária no governo Bolsonaro

O filme utiliza planos em contra-plongée que posicionam Hitler como figura central e vertical, separado das massas por barreiras físicas e simbólicas (como a própria arquitetura). A iluminação focal enfatiza sua presença, enquanto a montagem intercala close-ups do líder com planos gerais da multidão em perfeita disciplina, produzindo a equivalência entre liderança e totalidade social. Essa construção visual reproduz a estetização da política, convertendo o poder em espetáculo sagrado, como indicado por Benjamin (2012), e reforça a opacidade/transparência ideológica discutida por Xavier (2008).

Paralelamente, observa-se no discurso político de Bolsonaro o uso de símbolos e expressões que remetem ao culto à autoridade e a valores conservadores, como o lema “Deus, Pátria e Família”. Embora mais sutil, essa retórica produz efeitos semelhantes de legitimação e exclusão, criando um ambiente em que minorias vulneráveis enfrentam ameaças simbólicas e materiais.

4.3.1 Convocação das massas e manifestações políticas

No governo Bolsonaro, a convocação das massas para manifestações políticas configurou uma coreografia coletiva que remete diretamente às cenas de O Triunfo da Vontade. Em eventos como as manifestações de 2019, em diversos estados brasileiros, apoiadores foram conclamados por discursos e redes sociais a se unirem em nome de valores tradicionais, estruturando um espetáculo político visual e simbólico.

Esses eventos exibiram multidões sincronizadas, portando bandeiras brasileiras, símbolos religiosos e slogans conservadores, configurando um cenário visual semelhante às coreografias de massas do filme nazista, que buscavam a homogeneização do indivíduo em

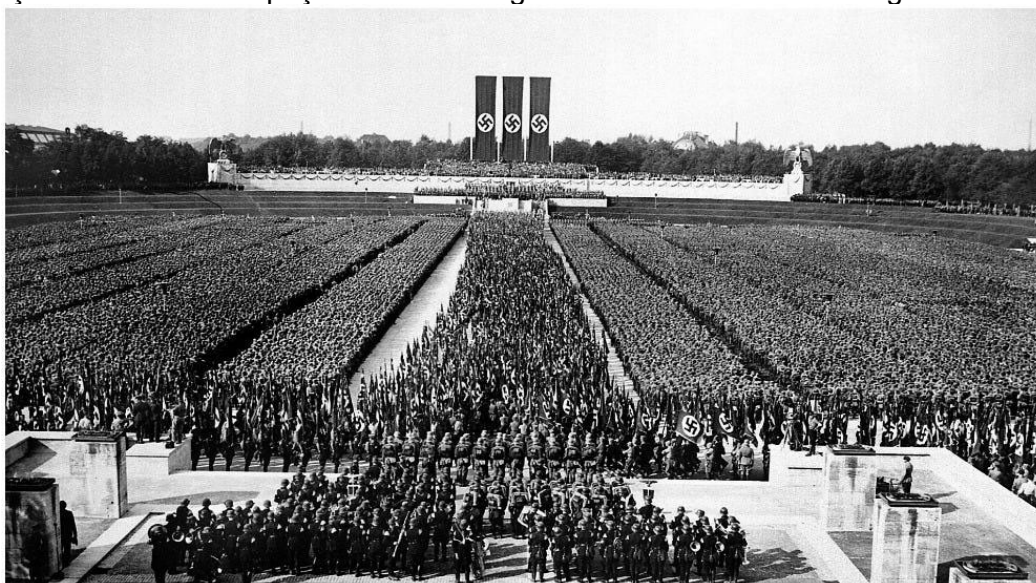
prol do coletivo. A disposição das pessoas em formações geométricas e o uso intenso da iconografia nacional e religiosa remetem à arquitetura monumental e aos símbolos portados pelas massas nas imagens de Riefenstahl.

Figura 1 – Manifestantes reunidos em frente ao gramado do Congresso Nacional, em Brasília.



Fonte: Fernanda Calgaro/G1, 2019.

Figura 2 – Cena do filme O Triunfo da Vontade (1935), de Leni Riefenstahl: 100.000 membros das forças nazistas em inspeção durante congresso nazista em Nuremberg.



Fonte: Arquivo histórico audiovisual, 1935.

4.3.2 Discursos e símbolos em manifestação

Discursos públicos, inclusive os de Bolsonaro e de seus aliados, frequentemente enfatizaram o culto à ordem, à hierarquia e aos valores tradicionais, criando um clima de unidade orgânica e de exclusão simbólica de dissidentes e minorias. A retórica autoritária, associada à estética visual das manifestações, reforçou a ideia de um líder como centralizador do destino nacional, ressoando estratégias de sacralização do poder observadas em *O Triunfo da Vontade*.

Além disso, o uso ostensivo e simbólico da religião — presente em orações públicas, referências bíblicas e exposição de símbolos religiosos durante os atos — articulou a narrativa autoritária em torno de um mito nacionalista e tradicionalista, reforçando a naturalização de hierarquias sociais e políticas.

De modo análogo, manifestações políticas de cunho autoritário contemporâneas exploram a estética da unidade e da ordem, promovendo narrativas que incentivam a conformidade e marginalizam divergências, em consonância com a teoria da espiral do silêncio de Noelle-Neumann (1974).

4.3.3 O caso Roberto Alvim: plágio e rejeição popular

Um ponto crucial para a compreensão do impacto da retomada desses elementos autoritários é o episódio envolvendo o então secretário especial da Cultura, Roberto Alvim, que, em janeiro de 2020, utilizou em vídeo trechos praticamente idênticos ao discurso do ministro nazista Joseph Goebbels, inclusive na formulação de um manifesto para a arte nacional: “A arte brasileira da próxima década será heroica e será nacional. Será dotada de grande capacidade de envolvimento emocional e será igualmente imperativa, posto que profundamente vinculada às aspirações urgentes do nosso povo, ou então não será nada.” (ALVIM, 2020).

A frase retoma quase literalmente a fala de Goebbels em 1933: “A arte alemã da próxima década será heroica, será ferrenhamente romântica, será objetiva e livre de sentimentalismo, será nacional com grande páthos e igualmente imperativa (...) ou então não será nada.” (GOEBBELS, 1933).

Além da proximidade textual, Alvim utilizou tom solene e estética visual semelhante, incluindo trilha de Wagner, compositor associado ao imaginário nazista, reforçando a atmosfera de um espetáculo político-ideológico inspirado no repertório simbólico do Terceiro Reich. Após a forte repercussão negativa, o secretário alegou tratar-se de uma “coincidência retórica” e declarou repúdio ao regime nazista, pedindo desculpas oficiais antes de ser

exonerado do cargo.

4.4 Correspondência entre recursos formais, efeitos de sentido e funções ideológicas

Para compreender de forma sistematizada como os diversos recursos visuais empregados em O Triunfo da Vontade contribuem para a construção dos sentidos de poder e autoridade, apresenta-se a seguir um quadro que relaciona os principais elementos formais observados, os efeitos simbólicos produzidos e suas respectivas funções ideológicas no contexto da propaganda nazista.

A correspondência visual-simbólica entre esses elementos é fundamental para evidenciar os mecanismos de opressão e persuasão do filme. Ela se baseia em análises que apontam para a criação de uma narrativa audiovisual pautada na sacralização do líder, na homogeneização das massas e na naturalização da hierarquia social — estratégias que influenciam diretamente o impacto emocional e cognitivo sobre o espectador. Essas estratégias foram estudadas por autores como Walter Benjamin, Ismail Xavier, Elbio Roberto Quinta Júnior e Susan Sontag, que destacam o papel da estética na legitimação do autoritarismo.

O quadro abaixo serve, ainda, como base para a comparação com fenômenos autoritários contemporâneos, demonstrando a permanência de códigos estéticos e retóricos semelhantes em discursos políticos atuais.

Quadro 2 – Correspondência entre recursos formais, efeitos de sentido e funções ideológicas na propaganda nazista.

Recurso formal	Efeito de sentido	Função ideológica
Plano contra-plongée sobre Hitler	Produz sensação de grandeza, invulnerabilidade e superioridade.	Sacralização da figura do líder; expressão visual da autoridade e do poder absoluto.
Planos gerais da multidão	Transmitem ordem, disciplina e uniformidade.	Apagamento do indivíduo; construção da massa como instrumento político homogêneo.
Montagem alternada entre líder e multidão	Cria ritmo efusivo, sensação de inevitabilidade e unidade.	Demonstra o vínculo simbólico entre líder e povo, legitimando a totalidade.
Iluminação focal no líder	Destaca a figura do líder, conferindo-lhe aura excepcional.	Evidencia liderança carismática, criando mitificação visual.
Repetição de símbolos nazistas (bandeiras, suásticas, águias)	Condiciona emocionalmente o espectador, associando símbolos à identidade.	Fortalece o condicionamento ideológico, estimulando adesão e identificação.

Fonte: Elaborado pela autora (2025).

4.5 Permanências e ecos contemporâneos da estética autoritária

Ao analisar o cenário político atual, especialmente diante do ressurgimento de movimentos neofascistas e autoritários, torna-se fundamental compreender os mecanismos

mediáticos que sustentam e atualizam tais discursos. A modernidade líquida e a “sociedade da transparência”, conceitos elaborados por Bauman (2017) e Byung-Chul Han (2018), contribuem para a circulação instantânea — e frequentemente desinformada — de conteúdos nas redes sociais, facilitando a propagação de discursos de ódio e a legitimação de lideranças autoritárias sob o verniz do patriotismo e da defesa de valores tradicionais.

No Brasil, a partir de 2017, observa-se o uso estratégico de slogans como “Deus, Pátria e Família” por atores políticos alinhados a Jair Bolsonaro. Essa expressão reafirma valores religiosos e conservadores profundamente arraigados na cultura nacional, produzindo identificação emocional em parcelas da população que percebem crises econômicas, políticas e morais como ameaças existenciais.

As redes sociais desempenham papel decisivo na construção e disseminação dessa estética autoritária. Embora a era digital também produza uma estética de aparência “natural” ou “imperfeita”, tal naturalidade é, em muitos casos, encenada e calculada, configurando uma nova forma de performance estética que legitima ideologias dominantes enquanto impõe novos padrões e pressões sociais.

Bourdieu (1991) esclarece que o poder simbólico opera justamente no campo da crença e da legitimação social, criando consensos que mascaram desigualdades e relações de dominação. Esse fenômeno é ampliado pela teoria da espiral do silêncio, de Noelle-Neumann (1974), que evidencia o silenciamento de posições minoritárias diante de discursos hegemônicos autoritários. Essa dinâmica social facilita a ascensão e a aceitação de discursos discriminatórios, sustentados por uma estética visual e narrativa que naturaliza e legitima tais ideologias.

Em especial, o episódio do vídeo de Roberto Alvim — demitido após o uso explícito de linguagem e estética nazista — ilustra como a vigilância social pode operar para rejeitar simbolismos autoritários, reforçando a importância da consciência pública sobre esses mecanismos.

Portanto, este estudo reforça a necessidade premente de uma análise crítica, ética e rigorosa dos dispositivos estéticos e simbólicos presentes nas narrativas políticas contemporâneas. A partir do exame do cinema de propaganda nazista, torna-se essencial que comunicadores sociais compreendam em profundidade essas estéticas e recusem sua reprodução em discursos e peças de comunicação política. Dessa forma, promove-se uma prática ética e responsável no campo da comunicação, fortalecendo a democracia e a defesa dos direitos humanos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo propôs uma análise semiótica da estética autoritária presente em *O Triunfo da Vontade* (1935), de Leni Riefenstahl, buscando compreender como o domínio técnico e simbólico do filme se converte em um instrumento potente de manipulação ideológica e opressão simbólica. Nesse sentido, dialogou-se com Xavier (2008), para quem o discurso cinematográfico oscila entre opacidade e transparência, evidenciando que a estética nunca é neutra, mas atua como agente ativo na construção de sentidos ideológicos. A análise comparativa com discursos visuais de mandatos contemporâneos, em especial o governo de Jair Bolsonaro (2018–2022), fundamentou-se nos estudos de Quinta Júnior (2023), que evidenciam a persistência de códigos estéticos e retóricos originados no cinema nazista e sua reaparição em contextos autoritários atuais.

Essa continuidade simbólica indica que estratégias visuais, sonoras e narrativas que organizaram o espetáculo do poder totalitário permanecem relevantes para compreender o funcionamento de discursos políticos modernos, mesmo quando se manifestam de forma menos explícita ou direta. Como aponta Bourdieu (1991), o poder simbólico opera no campo da crença e da legitimação social, produzindo efeitos concretos ao criar consensos que mascaram relações de dominação e exclusão — fenômeno intensificado pela espiral do silêncio descrita por Noelle-Neumann (1974), que evidencia o medo de minorias em se posicionar diante de discursos hegemônicos autoritários.

Nesse contexto, tornam-se indispensáveis, no campo da comunicação social, tanto o conhecimento crítico sobre a estetização da política — que Benjamin (2012) e Sontag (1975) descrevem como o processo de transformar a política em espetáculo estético voltado à sedução e mobilização — quanto a responsabilidade ética de evitar a reprodução de discursos e imagens que reforcem essa opressão simbólica. O aprofundamento na análise da estética autoritária não se limita à compreensão histórica ou técnica: configura um compromisso ético e político que deve orientar a atuação do comunicador social, sujeito que detém o poder de moldar narrativas e influenciar a percepção pública.

Reconhecer os dispositivos técnicos e simbólicos empregados em obras como *O Triunfo da Vontade* significa, também, reconhecer a necessidade de vigilância crítica para impedir a naturalização de formas autoritárias disfarçadas em cenários democráticos. A partir dessa consciência, o comunicador social pode contribuir para a construção de discursos que promovam cultura democrática, inclusão e defesa dos direitos humanos, recusando a replicação acrítica de modelos de propaganda totalitária.

Por fim, este estudo contribui para a disseminação de uma leitura crítica e responsável da produção cultural e política contemporânea, abrindo caminho para pesquisas futuras sobre

as múltiplas manifestações da estetização do poder e seus efeitos sociais na contemporaneidade.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATERRA E REDONDA. **Em busca de uma estética não bolsonarista**. Disponível em: <<https://aterraeredonda.com.br/em-busca-de-uma-estetica-nao-bolsonarista/>>. Acesso em: 09 nov. 2025.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I: magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

GOEBBELS, Joseph. **Discurso proferido no Palácio dos Esportes**, Berlim, 18 fev. 1943. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=3D0b2e7PFTQ>>. Acesso em: 15 nov. 2025.

GLOBO, O. **Referência ao nazista Goebbels derruba secretário da Cultura de Bolsonaro**. [vídeo]. YouTube, 17 jan. 2020. Disponível em: <<https://youtu.be/61-99HUGbAs?si=a1xEbd5UEdlEsdl5>>. Acesso em: 15 nov. 2025.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da transparência**. Rio de Janeiro: Vozes, 2018.

NOELLE-NEUMANN, Elisabeth. **A espiral do silêncio: opinião pública — nossa pele social**. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

PASSAPALAVRA. **Bolsonaro, fascismo e a estética do poder**. Disponível em: <<https://passapalavra.info/2023/08/149798/>>. Acesso em: 09 nov. 2025.

QUINTA JÚNIOR, Elbio Roberto. A estrutura da propaganda nazista no cinema: o caso de Leni Riefenstahl. **Convergências: Estudos em Humanidades Digitais**, v. 1, n. 1, p. 49–66, 2023.

RIEFENSTAHL, Leni. **O triunfo da vontade**. Alemanha, 1935. Filme.

SONTAG, Susan. **Fascínio e repulsa: ensaios sobre fotografia e o cinema**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência**. São Paulo: Paz & Terra, 2008.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 5. ed. São Paulo: Bookman, 2014.